

SEXTA-FEIRA 13 – FOBIA E EXPLICAÇÃO HISTÓRICA!

No calendário, a Sexta-feira 13 ocorre sempre que o dia 1 de um mês calha num Domingo – acontece duas a três vezes por ano. É tido como dia de azar para quem é dado a coisas de superstição e fobia e tem a ‘simples’ designação de parasquavedequatrafobia.

Porquê? É disso que dá conta este texto, ao nível do negativismo do N.º 13, do simbolismo oculto da Sexta-feira e da histórica data de Sexta-feira 13 de Outubro de 1307!

1. A Data Da Fobia!

Dia de azar para quem é dado a coisas de superstição e fobia: bruxas que esvoaçam hilariantes, gatos pretos que miram tipo abafador (chamada para a morte), fogueiras que crepitam até altas horas, quais chamas do Inferno. Devido à superstição de 6.ª feira 13, uns quantos simplesmente não saem de casa; outros não se aventuram nas aventuras de cupido com receio que a sua bela e sensual Freyja (Friday em inglês) seja transformada em bruxa, como narra a lenda nórdica, e assim lhe passe a rogar pragas; homens de negócios não petiscam porque não arriscam; comensais que não ousam sentar-se numa mesa com 13 pessoas; e outros aquietam-se à espera que o dia, simplesmente, passe.

Número 13 (fobia de Trisquaidequafobia)

É quase sempre tido como número de azar:

a) Hesíodo (poeta oral grego da antiguidade, do tempo de Homero) aconselhava os camponeses a não começarem a semear no décimo terceiro dia do mês;

b) No ano bissexto babilónico havia um décimo terceiro mês, representado pelo corvo, símbolo do infortúnio;

c) O covil das doze feiticeiras teria o diabo como décimo terceiro hóspede;

d) No Tarô, a carta 13 representa a morte;

e) Na noite da Ceia que antecedeu a prisão e crucificação de Jesus Cristo estavam 13 pessoas à mesa, onde a traição espreitou com o 13.º apóstolo, Judas Iscariotes;

f) Enfim, o treze sucede e quebra a harmonia do doze – 12 meses do ano, 12 tribos de Israel, 12 Apóstolos de Jesus, 12 constelações de Zodíaco.

Quanto à Sexta-Feira

- a) Há quem indique uma Sexta-feira como dia do Dilúvio Bíblico;
- b) Jesus foi condenado à morte numa 6.^a feira, enquanto Judas, carregado de remorsos pela traição ao Mestre, se enforcou nesse mesmo dia;
- c) O Templo de Jerusalém terá sido destruído pelos romanos numa Sexta-Feira do ano 70;
- d) Geoffrey Chaucer, narrador inglês do séc. XIV, descreveu nos «Contos de Cantuária» que a Sexta-feira é o dia de todas as desgraças;
- e) Um grupo de peregrinos medievais apontou na sua narrativa que a longa jornada foi sempre azarenta nas Sextas-feiras;
- f) Os marinheiros ingleses não gostam de levantar âncora numa Sexta-feira.

Curiosamente, parece que o azar de 6.^a feira 13 remete muito para a Bíblia e de forma mais incisiva para o dia da crucificação de Jesus Cristo – Sexta-feira Santa 13, dia de azar dos azares?! Não será assim! Afinal a morte de Jesus na 6.^a Feira antecede a Glória de Cristo com a sua Ressurreição três dias depois, a um Domingo.

2. A Data na História

Qual é, na verdade, o episódio que associa o número 13 e a Sexta-feira enquanto dia azarento que perdurou século após século? A PRISÃO DOS TEMPLÁRIOS (membros da mais poderosa, importante e prestigiada organização medieval) a um só tempo em França. Acompanhem os acontecimentos.

Ao raiar da aurora da Sexta-feira 13 de Outubro de 1307, por ordem de Filipe IV, o «Belo», rei de França, os agentes régios acometeram ao mesmo tempo as várias comendas da Ordem Religioso-Militar dos Templários espalhadas pela França e prenderam todos os seus altos dignitários, Grão-mestre Jacques de Mollay incluído.

Apesar da Ordem Religiosa e Militar do Templo contar com milhares de membros e comendas, tudo aconteceu sem resistência. Porquê? 200 anos depois da sua criação (1118, em Jerusalém) a sua missão terrena estaria cumprida. Perpetuava-se a sua vocação secreta e mística!

Naturalmente, uma operação desta envergadura necessitava de pretextos fortes que aos olhos da sociedade colocassem em causa a credibilidade e utilidade dos Templários, a mais importante e poderosa organização não estatal da época e paladino da defesa dos lugares santos do Cristianismo. Foram acusados,

injustamente, de heresia, sodomia, cupidez e de muitos outros crimes, inclusive de renegarem Cristo e adorarem um ídolo que foi relacionado com o profeta Maomé (Bafhomé). Mas as verdadeiras razões que desencadearam a acção foram a inveja e a cobiça, pois as finanças reais estavam depauperadas, enquanto a Ordem se tinha tornado numa potência financeira internacional, credora do próprio rei e protegida pelo seu carácter eclesiástico, devendo obediência exclusiva ao Papa.

Não obstante, os Templários foram interrogados e torturados pelos homens do rei e muitos foram parar à fogueira por negarem as acusações.

O rei Filipe foi mais longe e convenceu o Papa a extinguir os Templários. Sem prova provada, a Ordem foi abolida por bula papal de Clemente V, em 1312, e os cavaleiros Templários «banidos da face da terra».

Dois anos mais tarde, a 18 de Março de 1314, o último grão-mestre da Ordem, Jacques de Molay, que dignamente ousou proclamar a sua inocência e a da Ordem, foi queimado vivo em Paris. Envolto pelas chamas e de frente para a catedral de Notre Dame, o mestre teria proclamado: “os corpos pertencem ao rei de França, mas as almas pertencem a Deus”, proferindo depois uma maldição que intimava os seus carrascos a comparecer perante Deus no prazo de um ano.

Tal profecia cumpriu-se e muitos dos detractores da Ordem morreram, de forma misteriosa, num curto espaço de tempo: o Papa (que os abandonou) expirou em menos de um mês de cancro do piloro (a 21 de Abril), o rei Filipe (que os acusou, prendeu e mandou torturar), morreu em circunstâncias estranhas, depois de uma atroz agonia de dores gástricas, vómitos e diarreia (a 4 de Novembro) e Guillaume de Nogaret, chanceler do rei e instrutor do processo condenatório, finou-se repentinamente antes do final do ano!

Estes enigmáticos acontecimentos sobressaltaram a população! Não faltou quem visse aí a mão de Deus ou quem observasse uma vingança bem organizada pelo longo braço de uma Ordem que se perpetuou.

Em Portugal, os Templários renasceram das cinzas com ‘a roupagem’ da Ordem de Cristo, em 1319, através do rei D. Dinis, que aproveitou o seu património, conhecimentos e os cavaleiros da extinta Ordem para lançar a «estratégia marítima». Que haveria de «dar novos mundos ao mundo» com o pavilhão da Ordem de Cristo hasteada nas caravelas portuguesas.